

A 'Peste Grisalha' e a nova 'Solução Final' em curso ⁴

Pedro Ferraz de Abreu ⁵

pfa@mit.edu

Abstract

More than political choices, the current policies pushed by the Portuguese neo-conservative government, well aligned with the dominant parties in EU (European "Union"), represent a civilizational setback. In fact, what some of their leaders say, is a poorly disguised return to proto-nazi ideologies. In this article, we deconstruct the narrative pushed forward by political leaders that hold the power now in Portugal, by holding them accountable to their own choice of words, when some of them let lose (by mistake or arrogance), for once, the mask of respectability, calling elder people a "gray plague" (sic) and a civilization danger. They are right in one thing: there is a civilization danger, and they, and their policies and their ideology, are it. We further suggest a path to reverse these policies and emphasize the key role of science and academia, which neo-conservatives (masked with neo-liberal lingo) assaulted too.

1. Contra a 'peste grisalha', marchar, marchar.

Diverte-se a blogosfera a propósito do deputado Carlos Peixoto licenciado em... ver em anexo :).

Mas piadas á parte, que também são uma forma de resistência ao clima de atemorização, temos por detrás desta história um assunto vital: a ofensiva da direita contra o que resta do estado social.

Carlos Peixoto é o deputado líder do PSD pela Guarda, na lista encabeçada por Manuel Meirinho, agora novo Presidente do ISCSP-UTL (Universidade Técnica de Lisboa), e que disse em voz alta o que os Gaspares, Passos Coelhos e Merkels deste admirável mundo novo não dizem mas fazem: querem livrar-se da "peste grisalha" (sic).

⁴ Submetido em 2013 – primeira edição do autor, em Fevereiro 2013

⁵ Prof. Catedrático Convidado, F. Ciências-Universidade de Lisboa; Investigador do CITIDEP (www.citidep.net)

“Segundo estimativa do INE, em 2050 cerca de 80% da população do país apresentar-se-á envelhecida e dependente (...). A nossa pátria foi contaminada com a já conhecida peste grisalha. (...) O resultado só pode ser assustador. Assustador porque desafia a nacionalidade portuguesa (...) Assustador porque o envelhecimento dos portugueses (...) provocam um aumento penoso dos encargos sociais com reformas, pensões e assistência médica. Assustador porque se torna quase impossível que esses encargos sejam suportados pelo cada vez menor número de contribuintes activos. (...) uma espécie de eutanásia preanunciada (...) o governo está também a pensar uma reforma do Estado que já há muito tempo se impunha.”, Carlos Peixoto, “Um Portugal de cabelos brancos”, 10 Janeiro 2013

2. O assalto ao estado social.

A maior gritaria desta gente é contra o estado social. É talvez o maior desígnio do novo PREC - "Processo de Reajustamento Em Curso", claro revanchismo ao 25 de Abril, embora só se atrevam a queixar-se do PREC original.

No melhor estilo da direita neo-conservadora “tea-party”, usam com o maior cinismo e demagogia um problema real – o desequilíbrio demográfico e os custos crescentes dos sistemas sociais – problema de que são em grande parte responsáveis, para criar um clima de medo e de ressentimentos inter-gerações, e assim abrir caminho para a sua verdadeira agenda: desarmar os cidadãos perante o capital financeiro predador, desmantelando o que resta dos mecanismos de regulação e protecção social do estado.

Andam sempre com a boca cheia da necessidade de “reformas estruturais”, quais autênticos revolucionários, mas na pratica estão a levar-nos de volta ao passado, quando os grandes grupos financeiros controlavam inteiramente o estado, e os cidadãos tinham o direito... de se submeter “ao inevitável”.

O principal "problema estrutural", repetido mil vezes como ensinou Goebbels, é que os no activo estão a pagar as despesas dos velhos e, claro, não podem. Não é só as reformas, é a saúde e o resto. Daqui concluem, claro, é o estado social que tem de acabar (o eufemismo usado é ... "ser reformado").

Que os custos da saúde cresçam a galope na exacta proporção dos lucros obscenos, desregulados e trilionários da industria farmacêutica, dos seguros, e da privatização hospitalar, não está em causa.

Que a descapitalização das reformas coincida com terem-se apropriado do dinheiro descontado pelos reformados para subsidiar a especulação financeira e as fraudes dos parasitas "empresários" da elite, somando-se as reformas douradas para "gestores" com dois ou três anos de descontos, não interessa.

Que tenham sido eles a promover o desmantelar da capacidade produtiva a troco de subsídios efémeros na UE, para desenharem como queriam o "mercado comum", é para esquecer.

Que sejam eles agora encorajar os jovens a emigrar, ou seja, a população mais importante para a sustentabilidade do estado social, não importa para o caso.

Que a insegurança e a precariedade, promovidas deliberadamente como instrumento de subjugação da capacidade reivindicativa - e conseqüente maximização de lucros do capital - conduza os jovens a terem cada vez menos filhos e mais tarde, é para fechar os olhos.

Como sempre, dizem que os culpados são os "outros", não eles próprios, a elite financeira, organizada em classe dominante.

E assim fabricam esta brilhante, tecnocrata definição do problema: a "*carrying capacity*" da sociedade para idosos, está esgotada. Traduzindo do gaspargez: há velhos a mais.

É preciso uma solução "estrutural" que resolva o problema de vez.

Ou seja, uma "solução final".

A politica em curso resulta claramente de um plano, que traz á memória, pela semelhança na linguagem, iniquidade de objectivos, e identidade de "tiques" ideológicos, a chamada "solução final" no século passado.

Esse foi o nome dado ao plano para "resolver", de forma definitiva, o "problema" do "enfraquecimento da raça". Tal como hoje, o "problema" eram "os outros" (em oposição á elite ariana). Na altura, a "peste" que "contaminava a Pátria" eram os judeus, os "deficientes", os ciganos ... e os comunistas alemães. Sim, porque o lobby judeu sionista gosta de "reclamar" o estatuto de vitima do

holocausto apenas para si, mas os alvos estão bem documentados.

Ora em que se traduz no concreto a chamada “reforma estrutural” actual?

Se somarmos o aumento dos ritmos de trabalho (a semana de 35 horas, orgulho da Europa, já lá vai), com os cortes nas pausas de repouso (férias e feriados); com as exigências violentas de deslocação a dezenas ou centenas de quilómetros de casa; com as horas extraordinárias á noite e fins de semana, obrigatórias e com nula compensação ou quase, sob ameaça implícita ou explícita de despedimento; com o aumento da idade da reforma, sem sequer atenuar as exigências e ritmos de trabalho; com a diminuição das reformas, a níveis cada vez mais irrisórios de subsistência; com o stress de suportar a precariedade e o desemprego crescente dos familiares mais jovens; com o dismantelar do serviço de saúde universal e gratuito, encerrando centros e hospitais, diminuindo capacidade de resposta e aumentando a distancia e o risco de intervenção tardia em urgências...

Tudo isto se traduz na chacina dos mais frágeis: idosos e doentes...que não sejam ricos. Ou seja, dos indesejáveis "improdutivos", das castas trabalhadoras, que estão a "enfraquecer a Pátria" (os idosos ricos não são improdutivos, são valiosos por inerência).

Por outras palavras, uma “solução final” para a "peste grisalha" por quem "*a nossa pátria foi contaminada*" (sic, Carlos Peixoto, colega ideólogo de Manuel Meirinho).

Apesar da ideologia destes Peixotos e do tom usado parecerem, com assustadora frequência, a mímica das SS nazis (basta ler os vários escritos do senhor deputado, mesmo quando disfarçados de “racionalidade” neo-liberal; ou de intervenientes na fundação do “Compromisso Portugal”, um dos quais fascista sem disfarce), admitamos que o método neo-conservador (a que muitos chamam de neo-liberal) não será um método tão extremo como o desenhado por Heinrich Himmler.

Mas a escala da chacina corre o risco de ser ainda maior. E sem os custos, políticos e logísticos, das câmaras de gás.

Não será um holocausto, mas uma hecatombe é de certeza.

Se alguém acredita que os srs. gaspares, passos coelhos e meirinhos, a exemplo das merkels e assessores, não fazem estes cálculos, cínicos, nas suas folhas de Excel, sobre os efeitos das suas políticas, contabilizando o capital “libertado” com as “poupanças” geradas pela mortalidade antecipada galopante ... tenho uma torre Eiffel para lhes vender.

A única coisa a dizer é que este senhor deputado do PSD é um descomplexado, que fala o que os outros escondem. Ou o tolo do grupo, que põe a descoberto o rabo do gato que devia continuar escondido. Pouco importa qual.

Porque o problema é que o que ele diz condiz bem com a ideologia, políticas e práticas dos quasi-nazis, ou sucedâneos, que pululam nas centrais neo-conservadoras que dominam hoje a Europa. E que manobraram, como em Portugal, para colocarem os seus "Gauleiter" nas zonas conquistadas - ou os seus governos de Vichy nas zonas que se renderam.

Exagero, dirão alguns. A esses, cito o que foi afirmado numa reunião formal do “National Council on Social Security Reforms”, 2012, sobre o problema do envelhecimento e os custos sociais: "***The problem won't be solved unless you let them hurry up and die***" (McCurry, J. 2013). Quem o disse não foi um exaltado punk dos gangs neo-nazis das ruas. Quem o disse foi o Ministro das Finanças do Japão, Taro Aso, que foi já Primeiro-Ministro (National Post 2013). Um distinto membro da mesma família política neo-conservadora PSD/CDS que governa a Europa.

Mede-se o grau de civilização de uma sociedade pela forma como trata os mais fracos e vulneráveis.

Esta é a questão de fundo mais grave em causa. Estamos num momento de viragem: ou encontramos soluções dignas de uma sociedade humanista, ou corremos o risco de um retrocesso civilizacional, que a história ensina ser o prenúncio de conflitos violentos... e guerra.

Aos cépticos, relembro que também a geração do pós-1ª guerra mundial se convenceu que era impensável uma nova guerra como a que tinha acabado. Não foram eles que designaram a guerra de 14-18 como a "primeira guerra mundial".

Foram os da segunda.

3. Que fazer?

É sempre preferível prevenir, a remediar. Mas isso implica repudiar a nova ideologia dominante, e não só travar, mas inverter estas políticas “estruturais” neo-conservadoras.

Aqueles que pensam que os herdeiros dos nazis são a meia-duzia de “punks” com tatuagens suásticas, que abram os olhos e vejam quem personifica a política de supremacia e revanchismo na Europa. Quem instiga a xenofobia e racismo com a retórica demagógica sobre os “preguiçosos e indisciplinados” do “Sul”. Quem, à sombra dessa “narrativa”, está a capturar e concentrar os recursos económicos e financeiros na Europa, numa escala nunca vista. Quem, então? Pois perguntem, como fez o grande Lúcio Cássio: ***Cui Bono?***

Quem tem mais beneficiado com estas políticas “estruturais” neo-conservadoras?

Aos que, perante a realidade da crise, acreditam na retórica Merkel / Passos Coelho do “TINA” (“There Is No Alternative” - “Não há alternativa”), devemos contrapor de imediato: e onde nos levaram estas políticas? Poderá dizer alguém, “bom, sacrificámos os idosos, mas estamos a resolver o problema”? Pois nem sequer isso podem dizer.

Justificaram estas políticas de asfixia do estado social com a dimensão da dívida. Mas fizeram a dívida pública aumentar ainda mais.

Justificaram-nas com a demagogia do “não podemos viver acima das nossas posses”. Mas os ricos ficaram mais ricos e os pobres, mais pobres. As “nossas” posses são cada vez menos, com a venda ao desbarato das empresas públicas que restavam, mas os lucros privados aumentaram, e é a indústria de luxo “topo da gama”, para a elite, que floresce.

Justificaram-nas com a demagogia de “emagrecer o estado”, mas encheram-no de “boys”. Criam entidades “independentes” – nomeadas pelo Passos Coelho! – e depois 75% dos dirigentes públicos nomeados pelo governo são militantes do PSD e CDS (estudo RTP).

Justificaram-nas com a demagogia de que desregular e “flexibilizar”

despedimentos é que cria riqueza e emprego, mas o numero de desempregados aumentou brutalmente. O que só aumentou os custos do sistema social e diminuiu ainda mais, isso sim, a população activa que suporta o estado social.

A menos que queiram acrescentar à eliminação da “peste grisalha”, a liquidação da “peste desempregada”; acabando de vez com o subsidio de desemprego (que já cortaram brutalmente) e deixando morrer à fome os desempregados... e as suas crianças. Mas só um parasita especulador e/ou neo-nazi pode chamar a isto uma “alternativa”.

Ou seja, esta politica é que não é “Alternativa” nenhuma para resolver a crise. Crise que, não nos esqueçamos, foi provocada pelos abusos especulativos do grande capital financeiro, e não por quem agora sofre as consequências.

Temos pois um claro ponto de partida para uma alternativa: inverter as desastrosas politicas em curso. Mas é verdade que não vai ser fácil sairmos deste buraco onde nos meteram.

É preciso construir uma verdadeira alternativa e torná-la credível, que só pode ser baseada em conhecimento científico sólido e livre. Para isso precisamos também de lutar por uma academia emancipada da tutela politica e económica dos representantes destes mesmos interesses que nos asfixiam. Ora a proximidade deste senhor deputado do PSD com o novo Presidente do Instituto Superior de Ciências Sociais e Politicas da Universidade Técnica de Lisboa (ISCS-UTL), Manuel Meirinho, que saiu de deputado do PSD expressamente para Presidir ao ISCS-UTL, é uma amostra do controle ideológico que esta direita tem na academia.

Urge livrarmo-nos do governo do obscurantismo disfarçado de respeitabilidade académica, com doutores à Relvas, “catedráticos de Agosto” à Meirinho, ou agora, em *lapsus* de honestidade, com "licenciatura em licenciatura".

4. Referencias

McCurry, Justin (2013) " Let elderly people 'hurry up and die', says Japanese minister", The Guardian, Tokyo, 22 Jan 2013
<https://www.theguardian.com/world/2013/jan/22/elderly-hurry-up-die-japanese>

National Post (2013) " Japan's finance minister apologizes for saying old people

should 'hurry up and die' to save the state money", National Post Wire Services, Jan 23, 2013

Peixoto, Carlos (2013) "Um Portugal de cabelos brancos" | iOnline 10 Jan 2013
<http://www.ionline.pt/opiniao/portugal-cabelos-brancos>

Savoldi, F. & Ferraz de Abreu, P. (2012). "[Technopolitic: sophistication and new dichotomies. The Governments' response to the activists, raises emerging issues.](#)", International Journal of Scientific and Engineering Research (IJSER) Volume 3, Issue 8, August 2012.

Anexo: FICHA da Assembleia da República de Portugal:



Carlos Peixoto Partido PSD

[Presenças em Reuniões Plenárias](#) [Enviar E-mail](#)

Legislatura	Atividade	Registo Interesses	Círculo Eleitoral	Grupo Parlamentar
■ XI [2009-10-15 a 2011-06-19]	[ver...]	[ver...]	Guarda	PSD
■ XII [2011-06-20 a]	[ver...]	[ver...]	Guarda	PSD

Nome Completo

- António Carlos Sousa Gomes da Silva Peixoto

Data de Nascimento

- 13-02-1968

Habilitações Literárias

- Licenciatura em Licenciatura

Habilitações Literárias

- Licenciatura em Licenciatura

Profissão

- advogado

Cargos que desempenha

- Deputado na XI Legislatura

Comissões Parlamentares a que pertence

- Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias